

Roberto Salvi na Telemontecarlo, em Roma, Itália em 1985 / Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Roberto Salvi, o 'Marconi' da radiodifusão brasileira

Por Fernando Moura, em São Paulo

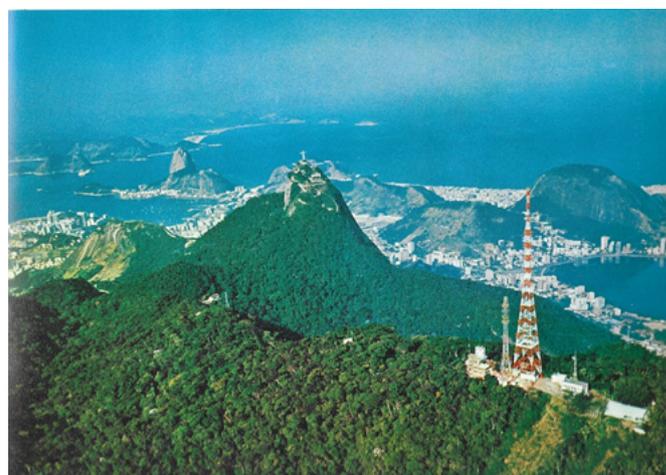
O técnico em eletrônica paulista foi um dos responsáveis por algumas das evoluções tecnológicas da televisão no Brasil na década de 1970 e 1980. Sua inventividade e dedicação à engenharia de transmissão marcaram sua trajetória, que teve início na TV Excelsior e se estendeu por emissoras como a TV Tupi e a Globo. Ele foi fundamental na implementação do sistema PAL-M no Brasil e no desenvolvimento de inovações técnicas. Além disso, teve papel crucial em projetos internacionais, como na Telemontecarlo, na Itália.

A carreira de Roberto Salvi, conhecido pelos colegas como o 'Marconi' brasileiro, mostra imensas facetas, mas, sobretudo um poder enorme de inventividade e altruísmo na hora de resolver problemas ligados à engenharia de televisão. Talvez os seus bons anos como professor de eletrônica na escola de ensino médio onde se formou tenham sido importantes para a sua perspicácia na resolução e criação de soluções para o dia a dia das várias emissoras nas quais ele deixou a sua marca, a sua *'impronta'*. Como ele próprio disse, chegou a TV por "um acaso", para "ocupar o tempo", e passou o resto da sua vida profissional entre o Brasil e Itália desenvolvendo sistemas e *workflows* que foram da transmissão até estúdios, e da engenharia de câmeras até a de transmissores e antenas transmissão e retransmissão.

O paulistano Roberto Salvi nasceu na capital paulista em abril de 1947. Ele se formou como técnico em eletrônica na Escola Estadual Eduardo Prado, no bairro do Brás, na capital paulista, e começou a trabalhar cedo, mas não na TV, senão em uma empresa de instrumentos para uso médico. Em duas oportunidades ele foi professor. O seu primeiro passo na televisão foi em maio de 1969 quando ingressou na TV Excelsior como auxiliar técnico

onde conheceu a Cláudio Donato, quem seria importante na sua futura carreira.

No livro "TV Tupi do tamanho do Brasil" de Elmo Francfort e Maurício Viel, os autores afirmam que: "Para liderar a montagem dos equipamentos da TV do Sumaré,



Torre do Sumaré no Rio de Janeiro, projeto de Roberto Salvi/ Foto do Catalogo de vendas comerciais da TV Tupi Rio em 1976

a Philips enviou, de Amsterdã, os engenheiros Robby Van Lit e Paul Den Boer, que desembarcaram em São Paulo no dia 28 de janeiro de 1972. Segundo declarações dadas à reportagem do “Diário da Noite”, Van Lit afirmou que “o material adquirido pela Televisão Tupi é o melhor possível, reunindo condições e qualidades técnicas das mais apuradas”. Sobre o sistema em cores a ser usado exclusivamente no Brasil, o holandês salientou que o “PAL-M não é uma adaptação, mas um aperfeiçoamento

do sistema alemão para as condições brasileiras”. Van Lit ficou responsável pela montagem dos estúdios, enquanto que Den Boer cuidou da montagem da unidade-móvel na Inbelsa, juntamente com Roberto Salvi, das “Associadas”.

Na TV Tupi São Paulo, o primeiro trabalho de Salvi foi dirigido diretamente por Cláudio Donato, então diretor-técnico. Lá teve como chefe a Newton Caggiano com quem passou a cuidar dos transmissores.

A revolução das cores na TV Tupi

À reportagem da Revista da SET, Salvi disse que a TV Tupi comprou três câmeras Philips para a carreta de São Paulo, e que anos mais tarde, saberia que foram outras três para o Rio de Janeiro, “mas nessa época as direções não se comunicavam e nós não sabíamos disso. O que sei é que no processo da compra da Philips houve acordos diferentes para cada cidade, por exemplo, o que fizemos em São Paulo foi adquirir 3 câmeras e 2 telefilmes”.

Mais tarde, “o Marconi”, como é carinhosamente apelidado pelos amigos e colegas de profissão, teve um desafio importante: montar e trabalhar na primeira carreta em cores da emissora em São Paulo. No livro de Francfort e Viel, os autores afirmam que “o técnico Roberto Salvi, um dos responsáveis pelo gerenciamento da unidade-móvel de São Paulo, revelou que em um primeiro momento, a unidade-móvel não contou com o equipamento de videoteipe e as externas eram todas transmitidas ao vivo ou gravadas pelos VTs coloridos do Sumaré. “Teve uma época em que a programação em cores começava com o jornal do almoço, depois vinha o programa da tarde, o jornal da noite e um show para finalizar. Quando havia futebol, as partidas eram realizadas no estádio do Pacaembu, domingo à tarde. Depois, tínhamos que desmontar tudo rapidamente e correr para transmitir o show noturno dos domingos, dos estúdios do Sumaré. Não era fácil”, revela Salvi.

Foram anos importantes para a televisão que ia aos poucos se consolidando. A tecnologia estava evoluindo e o Brasil iria ter transmissão em cores. “Lembro que em 1973 começamos a pensar em Pal-M, mas abrimos os testes passando filmes em cores em NTSC e eles nunca tinham a mesma cor”. Salvi ressaltou que a escolha do padrão demorou e que houve um ponto chave na decisão. “Em 1966, o governo brasileiro proibiu a utilização de transmissores NTSC no Brasil e começou um estudo para achar um equipamento que fosse melhor que o sistema norte-americano”, após os primeiros testes de transmissão realizados.

Voltando a TV Tupi e ao Grupo que o liderava, o supervisor técnico afirma que “era como se fossemos empresas diferentes, e isso perdurou até 1974. Nesse momento houve um movimento. O Grupo de São Paulo tomou conta do Grupo do Rio de Janeiro e se unificaram os negócios”, explicou Salvi. Após a fusão, “o Claudio Donato me mandou ao Rio de Janeiro a buscar a carreta colorida Philips que tinham lá. A trouxe para São Paulo, e lá ficou o telejornal em branco e preto, e a programação era a programação de rede, sendo que lá a Tupi do Rio ficou sem câmeras coloridas”.



E-Philips LDK 3 da TV Tupi / Foto: Reprodução



Carreta em cores da TV Tupi no Rio de Janeiro, 1974 / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Roberta Salvi disse a reportagem que a foto acima é junto ao caminhão que transportava o gerador de energia da “carreta em cores da TV Tupi Canal 4 de São Paulo”, um equipamento fundamental para as transmissões na época. / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi

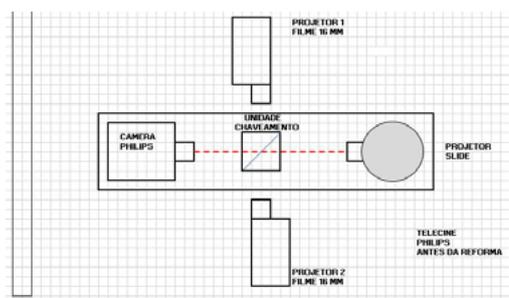
Mudança para o Rio de Janeiro e reforma do estúdio para ter telejornal em cores

No final de 1974, Salvi se muda com a família para o Rio de Janeiro, “uma oportunidade importante. O Claudio Donato precisava designar um supervisor técnico lá, e então eu me mudei para lá com a família”, lembra. Essa mudança mudou a sua vida, afirma. No Rio os desafios na TV Tupi foram grandes. “Não tínhamos câmeras em cores, as três da carreta tinham sido levadas por mim para São Paulo”.

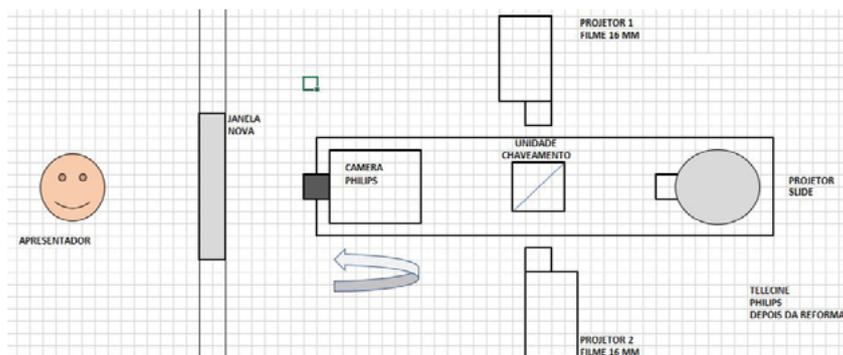
O executivo conta, entusiasmado, que sem carreta em cores no Rio de Janeiro, a TV Tupi, não tinha como emitir o telejornal a cores. Para isso, Salvi teve de pensar, analisar e procurar soluções que não podiam ser de investimento em novos equipamentos. Como a sala de projeção do telecine – um dispositivo que permitia realizar o processo de conversão de uma imagem em filme para uma imagem de TV – tinha uma câmara colorida, e o estúdio onde se produzia e realizava o telejornal era numa sala contígua, ele pensou em fazer

umas mudanças e assim transmitir o telejornal local em cores.

Salvi viu que a câmera Philips que era usada no telecine poderia ser virada e utilizada para o telejornal. Assim, conta, “eu quebrei a parede, abrimos uma janela na sala, mudamos a configuração do estúdio para posicionar o âncora frente à janela e começamos a produzir o telejornal em cores”. Ele sorriu e disse, “o que acontecia era que precisávamos virar a câmera no tripé e enquanto fazia o telejornal não podíamos usar o telecine, mas conseguimos fazer as coisas de tal maneira que otimizamos o uso e começamos a transmitir o telejornal da TV Tupi Rio em cores”, e conta um pequeno segredo: “Soltávamos uma vinheta de VT e nesse momento o cinegrafista virava a câmera. Tínhamos de estar muito atentos porque quando o telejornal ia ao intervalo tínhamos de repetir a operação”.



Telecine da TV Tupi Rio de Janeiro quando Salvi chegou ao Rio de Janeiro / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Telecine após o projeto de Roberto Salvi com emissão de telejornal em cores / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Torre do Sumaré no Rio de Janeiro

Uns meses depois de assumir como supervisor técnico da TV Tupi Rio de Janeiro, Roberto Salvi tomou conhecimento de algo importante. “No dia 22 de outubro de 1975 soube que o Ministério das Comunicações tinha entregado, em concessão, o Canal 11 do Rio de Janeiro ao Silvio Santos e que essa era a oportunidade de instalar painéis novos para a TV Tupi que melhorassem a imagem e cobertura e entregar ao que seria a TVS a antena antiga”, comentou.

Como lembra Salvi, o presidente Ernesto Geisel outorgou pelo decreto nº 76.488 a concessão ao que passaria a ser chamado de TVS, isso é a TV Studios Silvio Santos Ltda., que oficializou o contrato em Brasília, no dia 22 de dezembro daquele ano. Com a concessão do Canal 11 ao empresário Silvio Santos em 1975, Salvi viu a oportunidade de renovar a antena da Tupi e entregar a antiga para a nova emissora. Com isso pronto e um acordo com a TVS, lembra o supervisor técnico da TV Tupi, “comecei a pensar e a criar o projeto que finalizaria com o Parque de Transmissão do Sumaré, situado a 800 metros de altura. Fica num platô com um quilômetro de comprimento e 40 metros de largura, que abriga todas as antenas”.

Após muito trabalho, a TV Tupi Rio de Janeiro que operava no canal 6 VHF contava com “24 novos painéis, equivalentes a uma potência de transmissão de 340 kW. A nova antena da TV Tupi compreende painéis de dipolos, medindo cada um 3,20m divididos em 4 faces de 6 painéis cada uma. Cada face corresponde a uma área determinada da cidade - norte, sul, leste e oeste. Um transmissor RCA de 25 kW proporciona uma potência máxima irradiada que atinge 340kw, ou seja, cobertura total do Rio de Janeiro”, explicou Salvi.

Instalamos “o sistema irradiante mais moderno do país” no morro do Sumaré, na nova torre da TV Tupi, comenta orgulhoso e explica que desta forma “o Rio de Janeiro ficou totalmente coberto pelo novo sistema irradiante da TV Tupi, que é o mais moderno que existe para televisão. Ele elimina totalmente os 40% de área de sombra, existentes com a torre e a antena antiga”, isso, porque, “quem instalou as primeiras antenas da Tupi foram engenheiros norte-americanos que não conheciam direito a topologia do Rio e tinha várias zonas de sombra”, já que eles instalaram na década de 1950, a torre junto ao Teleférico do Pão de Açúcar.

O entrevistado contou que na altura o departamento comercial da emissora montou um encarte com fotos da antena onde explicava os benefícios da nova tecnologia e afirmava: “Quanto mais alta e a torre melhor a transmissão. Ligue as suas antenas na alta, que e a nossa. No morro do Sumaré estão construídas diversas torres de rádio e televisão. Só que a da TV Tupi, com seus 156 metros, é realmente a maior delas, como você mesmo pode ver na foto. As vantagens que isso representa, você vai sentir toda vez que ligar no 6. Agora

o som e a imagem da Tupi vão estar à altura da sua expectativa”.

Do compartilhamento da torre com a TVS, ele lembra o trabalho em conjunto com quem uns anos depois seria presidente da SET, Carlos Capelão. “A construção foi compartilhada, com o Capelão, que era o diretor técnico do canal 11”. Sorriu e disse: “Foi uma ideia minha, provavelmente a primeira antena compartilhada do Brasil, e foi com isso que o canal salvou muita coisa. As pessoas começaram a ver em toda a cidade, foi histórico”.

Na matéria “O Melhor Parque Eletrônico do País”, Eli Halfoun, Diário da Noite [SP], 04/05/1979, Variedades, p. 14, citada no livro “TV Tupi, tamanho do Brasil” se afirma que “Roberto Salvi, diretor-técnico da TV Tupi de São Paulo e do Rio, esteve recentemente nos EUA, participando do show NAB – **National Association Broadcasting**, uma feira de equipamentos para rádio e TV com expositores do mundo todo”, e que o objetivo era melhorar o parque de equipamentos da emissora. Após a unificação do Grupo, “eu era diretor técnico da TV Tupi do Rio e de São Paulo, ficava na ponte aérea. Foram anos de muitas viagens, muitos projetos”, lembra. Mas como ele próprio disse à reportagem, são ciclos. Assim, no fim da década de 1970, mas precisamente em 1979, os dias de Salvi, se dividiam entre Rio de Janeiro e São Paulo. O último grande projeto na TV Tupi foi um projeto de um transmissor novo para São Paulo, que chegou a ser instalado, mas nunca funcionou.



Morro do Sumaré, Fotos do Catálogo de vendas comerciais da TV Tupi Rio em 1976

Transição para a Globo

Salvi conta que antes da TV Tupi ser fechada pelo governo brasileiro recebeu um convite para ir trabalhar a Rede Globo. “Eu recebi um convite do Adilson Malta para ir a Globo e pedi a minha demissão da TV Tupi. Depois do aviso prévio, no dia que iria assinar a demissão, o chefe de RH (Recursos Humanos) me ligou e disse que tinha que ir no sindicato repetir a minha demissão, mas no dia anterior o presidente Figueiredo caçou a TV Tupi e nunca assinei, a Tupi deixou de existir”.

O pedido de demissão de Salvi foi feito em junho de 1980 e a assinatura do decreto do presidente João Figueiredo, que cassou a concessão da TV Tupi, a primeira emissora de televisão da América Latina, foi no dia 18 de julho de 1980. Com esse decreto deixaram de transmitir as emissoras de São Paulo (SP) e do Rio de Janeiro (RJ), a TV Itacolomi, de Belo Horizonte (MG), a TV Rádio Clube de Pernambuco, de Recife (PE), a TV Marajoara, de Belém (PA), a TV Rádio Clube, de Fortaleza (CE), e a a TV Piratini, de Porto Alegre (RS).



Primeiros projetos de cenários no Projac, corria 1981/ Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi

Copa do Mundo da Espanha

Os primeiros trabalhos, conta, foram na Central Globo de Produção (Projac), hoje Estúdios Globo, como assessor na área de tecnologia. Talvez o maior, o da Copa do Mundo. Espanha foi um dos primeiros destinos internacionais de Salvi. A televisão começava a ser muito importante nas transmissões das Copas do Mundo e em 1982 na Copa da Espanha as mudanças tecnológicas se fizeram sentir.

A Globo conseguiu os direitos exclusivos de transmissão e pela primeira vez é possível ter uma câmera própria nos estádios para realizar a personalização das transmissões. O Memória Globo afirma que “no Brasil, os

jogos foram transmitidos, pela primeira vez, ao vivo para todas as regiões do país. A Globo foi a única emissora do mundo a ter repórter em todas as 14 cidades-sede do Mundial. A equipe cobriu as partidas, produziu matérias para os telejornais e para programas especiais”.

Salvi conta que a emissora montou na capital da Espanha, Madri, um centro de operações que “parecia uma mini estação de televisão, eram dois andares no centro de imprensa”, e que utilizando o satélite da Embratel, a Globo tinha dois sinais, o internacional do Pool da OTI (Organização das Telecomunicações Ibero-americanas) e o que permitiu o envio de imagens exclusivas das partidas.



Roberto Salvi em Madri durante a Copa do Mundo Espanha 1982. A Globo levou “cerca de 20 toneladas de equipamentos e 150 profissionais, entre jornalistas, técnicos, engenheiros, produtores, locutores e comentaristas” (Memória Globo) / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Espanha 82, câmera exclusiva nas partidas transmitidas pela Globo / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi

Telemontecarlo e a ida para Roma

Foram diversos projetos, até que a Globo em 1985 “em sociedade com a rede estatal italiana RAI (*Radio Audizioni Italiane*), adquire a TV Internazionale, dona dos direitos de transmissão em italiano da Telemontecarlo, sediada no Principado de Mônaco” (Memória Globo) e então a convite do Herbert Fiuza, que iria liderar o projeto se muda com família para Roma, Itália. Foi adquirido pelo Grupo Globo o 80% da TV Internacional, subsidiária italiana da Rádio-Televisão de Monte Carlo, a TMS (Telemontecarlo)

Quando chegaram à Itália perceberam que precisavam criar uma emissora quase do zero, os equipamentos eram velhos e alguns estavam obsoletos. À Revista da SET, Herbert Fiuza disse na [edição N 216](#) que “a Telemontecarlo foi uma escolha óbvia, pois sua geradora estava localizada no Principado de Mônaco, no Sul da França, na fronteira com a Itália. Transmítia sinais em italiano e cobria parcialmente o país. A Itália é um pouco menor do que o Estado do Maranhão e, nossa primeira missão foi estender a cobertura para todo o país, até a Sicília no sul, usando enlaces de micro-ondas”.

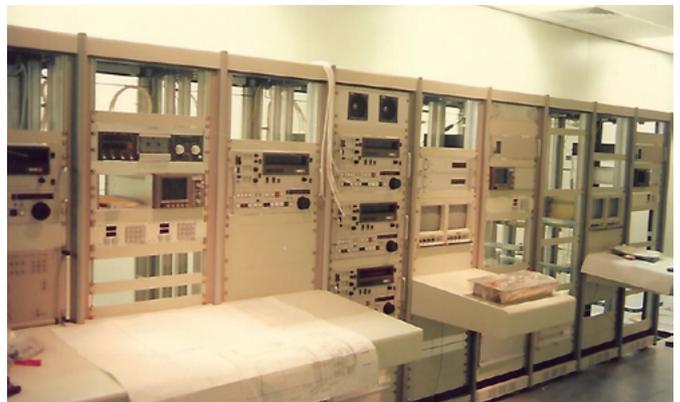


Criação de novo link Roma/Monte Carlo / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Herbert Fiuza supervisiona os trabalhos na nova sede da Telemontecarlo / Foto: Arquivo Pessoal Roberto Salvi

Assim, conta Salvi, junto a Fiuza montou um projeto com novas instalações. Foram muitos meses de árduo trabalho e muita infraestrutura a ser montada e renovada. “A Telemontecarlo (TMC) emitia desde o Principado, mas os estúdios eram em Roma”, explica, sendo assim, “tivemos de criar um link novo Roma-Montecarlo e assim tínhamos um link que fechava com Monte Carlo. E de lá o sinal retornava para Itália, distribuindo para toda Itália”, porque naquela época a legislação italiana não permitia ter emissoras privadas no país.



Nas fotos a montagem e o switcher em funcionamento da TMC (Telemontecarlo) / Fotos: Arquivo Pessoal Roberto Salvi



Novos estúdios da Telemontecarlo /Foto: Acervo pessoal Mauro Rychter/Memória Globo

Salvi trabalhou na TMC até 1995, mesmo que a Globo vendeu a sua parte em 1994, ao grupo italiano Ferruzzi, que passou a ter o controle total da empresa. “Minha família estava bem em Roma, assim decidimos ficar mais um tempo”, comenta e disse com voz triste, “tanto que uma das minhas filhas ainda mora lá, casou e tenho uma neta italiana”.

Ele lembra que ficou trabalhando para os novos proprietários, mas os ciclos tem o seu fim. “Foi curioso porque viajei exatamente no dia 31 de Dezembro de 1994 de volta ao Brasil, e comecei a trabalhar aqui no Rio de Janeiro no dia 17 de janeiro 1995 como gerente de projetos da Globo. Foi muito duro. Eu já estava instalando, tive de voltar a procurar casa. Foi muito difícil”, lembra o executivo.



Roma, novembro de 1988, Delegação brasileira visitou na Itália: Itelco em Orvieto e Telemontecarlo em Roma, esta foi parte de uma viagem para Munique visitando Rohde & Schwarz e Thomson em Paris. Na foto, Antônio Carlos, Olímpio José Franco, Eliana G. V. Franco, Marlene Pimentel. Ao fundo da mesa, Alfonso Aurin. No lado direito: Roberto Salvi, Miguel Cipolla Jr, Herbert Fiuza e esposa. / Foto: arquivo pessoal Olímpio Franco

GloboNews

No regresso o projeto foi o da GloboNews. Um novo desafio do Grupo Globo que começava a investir na TV a cabo no país. A nova emissora de notícia estreou no dia 15 de outubro de 1996,

Salvi ficaria na Globo até 1997, quando foi chamado pelo Grupo Bandeirantes onde se desempenharia como assessor de engenharia. O ‘marconi’ brasileiro desenvolveu alguns projetos lá e encerrou a sua carreira em 2015. Hoje vive no Rio de Janeiro.



Trabalhos de montagem da GloboNews em fevereiro de 1995 / Fotos: Arquivo Pessoal Roberto Salvi

Legado: Prêmio Vida Alves

Com uma carreira que atravessou décadas e fronteiras, Roberto Salvi consolidou-se como um dos grandes nomes da engenharia de transmissão no Brasil. Sua criatividade, capacidade de adaptação e inovação técnica ajudaram a moldar a televisão brasileira e internacional.

Em 2015, a SET homenageou Roberto Salvi e outros profissionais de televisão no SET EXPO 2015. Foi no Congresso SET 2015 para celebrar os 65 anos da TV no Brasil. Nesse momento a SET convidou ícones da engenharia de televisão e atores renomados que contaram algumas das histórias e das memórias que marcaram a vida da TV brasileira em painéis descontraídos e emocionantes.

A sessão **“65 anos: TV no ar no Brasil”** teve como palestrantes a Roberto Salvi (EPP), Herbert Fiuza (Globo),

Francisco Cavalcanti (FF Work) e Cláudio Victor Donato (Victor Brasil) que foram homenageados pela SET e deram os seus depoimentos. Na edição reportagem desta revista na sua [na edição N 155](#), se afirma que “Roberto Salvi, CEO da empresa de consultoria televisiva Condos Técnicas Associadas EPP, falou sobre os 30 anos das TVs pioneiras no Brasil. E lembrou que a areia do deserto está cheia dos ossos dos pioneiros. “A TV Tupi canal 3 foi inaugurada em 18 de setembro de 1950. O maior problema que o Chateaubriand tinha na época era que não tinha televisores. Por isso, foi feita a importação dos primeiros. Esse foi o primeiro desafio”, brincou Salvi”

“O moderador da sessão, Fernando Gueiros, antes de revelar a surpresa preparada pela SET (o Prêmio Vida Alves), justificou que a “A Televisão é uma história de Visão, Valor e Vitória” e relacionou os nomes dos

homenageados, Vida Alves e Nilton Travessos, às letras que formam a palavra TV. Justa honraria aos pioneiros. Olímpio Franco destacou a relevância da homenagem. “É muito importante, porque os pioneiros têm que ser reconhecidos e valorizados em vida. Eles têm muita coisa para contar. Existem muitas limitações que eles sofreram, como dificuldades técnicas e falta de recursos. Então, precisam ser valorizados. A televisão tem, hoje, essa pujança e essa importância para o Brasil graças à gente como eles, que estiveram reunidos, desde o início dos anos cinquenta. O que a gente está tentando, com uma sessão como essa e com a brilhante ideia do prêmio que o Fernando teve, é prestigiá-los. Eles merecem”, finalizou o presidente da SET”.



Prêmio Vida Alves a carreira no SET EXPO 2015. Na foto, da esq. para a dir., Cláudio Donato, Roberto Salvi, Herbert Fiúza, Francisco Cavalcante, Vida Alves, Nilton Travesso e Olímpio José Franco / Foto: SET



Nome: Roberto Salvi

Data de nascimento: 30/04/1947

Naturalidade: São Paulo

Formação: Estudou na escola Eduardo

Castro e se formou como técnico em eletrônica.

Estado Civil: Casado

Filhos: 4 filhos